sabendo mais sobre

SANTA TERESA DE ÁVILA (1515-1582)

BIOGRAFIA

Teresa de Ávila (Fig. 1) foi uma proeminente freira espanhola da ordem das carmelitas e ficou conhecida por seus diversos escritos místicos. Suas origens familiares apontam para a cidade de Toledo. Porém seu avô, o comerciante Juan Sánchez de Toledo, mudou-se com a família para Ávila, onde conseguiu casar seus filhos com a nobreza local. Ali Teresa nasceu, em 1515, filha de Alonso de Cepeda e de Beatriz de Ahumada. Teresa tinha ainda dois irmãos de um primeiro casamento do pai, ocorrido por volta de 1507 (HALFMANN, 2003).

Esses fatos talvez se expliquem pela condição social de Juan Sánchez, avô de Teresa. De acordo com documentos da Inquisição de Toledo, de 1485, Sánchez foi condenado por praticar o judaísmo, mesmo isso sendo proibido na Espanha desde o século XV. Sua pena foi usar o *sanbenito*, a túnica amarela usada pelos condenados pelo Santo Ofício, por seis semanas. Posteriormente, a túnica foi gravada com seu

Figura 1
PETER PAUL RUBENS (1577-1640)
Santa Teresa de Ávila
c. 1615
Óleo sobre madeira
Viena: Museu de História e Artes (AT)

nome e exposta na Catedral de Toledo, como sinal de vergonha. Teresa, portanto, seria descendente de *marranos*, judeus ibéricos forçados à conversão. A mudança para Ávila, o casamento de seus filhos com nobres, e o fato de o pai de Teresa não usar o sobrenome paterno, seriam estratégias de Juan Sánchez para recuperar sua dignidade (FOA, 2015).

Os primeiros biógrafos de Teresa descreveram-na como uma jovem de estatura mediana, bela e extrovertida. Sabia ler e escrever bem, e era muito dedicada às atividades domésticas. Aos sete anos planejou fugir de casa, junto com um irmão, com o intuito de morrer como mártir cristã nos reinos árabes do norte da África. O plano foi frustrado por um tio, que conseguiu recolher as crianças antes que pudessem deixar a cidade. Apesar deste ter sido seu primeiro ato de zelo religioso, nota-se que tais atitudes diminuíram no início da adolescência (HALFMANN, 2003).

Aos 12 anos Teresa ocupava-se mais com os afazeres domésticos e distraia-se lendo romances de cavalaria. Passava muito tempo com os primos e logo cogitou a ideia de contrair matrimônio. Seu pai repudiava sua personalidade e, por isso, ela tornou-se mais reclusa. Com 15 anos perdeu a mãe e passou a cuidar dos dez irmãos. Tamanha responsabilidade parece ter-lhe pesado sobremaneira. Aflita e solitária, Teresa rezou para que a Virgem Maria a adotasse como filha. Vendo o exaspero da menina, o pai decidiu levá-la para estudar com as freiras agostinianas, em 1531 (HALFMANN, 2003).

A influência da priora María de Briceño, responsável pelas alunas leigas do colégio conventual agostiniano, ajudou Teresa a recuperar a fé. Ela passou a contemplar a vida monástica e a leitura das cartas de São Jerônimo a deixou mais convicta. O pai, entretanto, frustrou novamente os planos da moça, que gestou outro plano de fuga. No dia 2 de novembro de 1535, Teresa entrou para o Convento da Encarnação, pertencente às freiras carmelitas em Ávila. Um ano depois, recebeu o hábito da ordem, e ali passou a viver em oração e penitência. O pai, finalmente, aquiesceu à vontade da filha (HALFMANN, 2003).

Logo após iniciar a vida monástica, Teresa foi acometida por uma enfermidade até hoje desconhecida. Ao longo de três anos a família peregrinou com ela por diversas cidades, mas a freira não respondia a qualquer tratamento médico. Em 15 de agosto de 1539 Teresa entrou em um coma tão profundo que foi dada como morta. Quatro dias depois ela acordou, mas permaneceu paralisada, da cintura para baixo, por mais três anos. Embora mantivesse uma rotina de oração, sua vida monástica decaiu. Curiosamente, foi durante esse período de convalescença que iniciaram suas visões místicas, que a acompanhariam por dezoito anos (HALFMANN, 2003).

Aos 39 anos, Teresa teve uma intensa visão de Jesus Cristo dolorosamente ferido. Essa experiência foi como uma reconversão para a freira, que passou a

buscar um desenvolvimento espiritual mais profundo. Suas visões, entretanto, não encontravam consenso dentro da Ordem do Carmelo. Enquanto muitos dos seus superiores encaravam-nas como obra do demônio, monges proeminentes na ordem, como Pedro de Alcântara e João da Cruz, incentivavam-na a manter-se sempre receptiva a elas (HALFMANN, 2003).

Em 1560, Teresa iniciou um trabalho de reformulação interna da Ordem do Carmelo. Reuniu em sua cela monjas que desejavam aderir à estrita observância do rito carmelita, que ganhava força com a prática mendicante iniciada por Pedro de Alcântara. Começou assim o movimento dos Carmelitas Descalços. Com a ajuda de sua irmã, Juana, e do marido dela, Juan de Ovalle, Teresa adquiriu uma casa em Ávila que seria a futura sede de seu novo convento. Para burlar a oposição de seus superiores no Convento da Encarnação, Juana e Juan de Ovalle ocuparam a casa como se fosse deles, enquanto ela era secretamente preparada para receber as noviças (HALFMANN, 2003).

Apesar da oposição dos priores do Convento da Encarnação e do conselho da cidade de Ávila, os documentos apostólicos, necessários para a fundação do convento, foram expedidos no dia 5 de fevereiro de 1562. No dia 24 de agosto do mesmo ano, Teresa abriu o primeiro convento da Ordem das Carmelitas Descalças em Ávila, dedicado a São José – ela atribuía sua cura milagrosa ao santo. Na ocasião, quatro noviças receberam o hábito da nova ordem. Iniciou-se então um período de muita tranquilidade para a freira, que adotou o nome Teresa de Jesus. Nesse período, escreveu uma de suas grandes obras teológicas, *O caminho da perfeição* (HALFMANN, 2003).

Em abril de 1567 o Convento de São José recebeu a visita do prior geral da ordem carmelita, Giovanni Battista Rossi. O religioso aprovou o trabalho de Teresa e incumbiu-a de estabelecer novos conventos, contando, inclusive, com a ajuda de freiras da Encarnação. Teresa fundou mais sete conventos das Carmelitas Descalças na Espanha entre 1567 e 1570. Foi eleita priora do Convento da Encarnação em Ávila, e ali teve a visão de seu "casamento místico" (HALFMANN, 2003).

Entre 1573 e 1575 Teresa escreveu mais dois livros: os *Fundamentos* e *O castelo interior*, este considerado sua obra máxima. Morreu em Alba no ano de 1582, na cidade onde fundou seu último convento quase dez anos antes de seu falecimento. O papa Paulo V declarou-a beata em 24 de abril 1614, e em 1617, o parlamento espanhol elegeu-a padroeira do país. O papa Gregório XV canonizou Teresa em 1622, junto com Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier, Santo Isidoro Lavrador e São Filipe Neri (HALFMANN, 2003).

A *SANTA TERESA DE ÁVILA* DA COLEÇÃO EVA KLABIN

O historiador da arte Arnold Hauser argumenta, em sua História Social da Arte (1992), que a iconografia da Igreja Católica se fixou e se esquematizou a partir do século XVII com o advento do barroco na arte ocidental. Para enfrentar "o subjetivismo do espírito reformador" (HAUSER, 1992, p. 169), a arte associada à igreja em Roma deveria comunicar sua ortodoxia de forma direta e eficaz, sem deixar espaço para interpretações teológicas. A partir de então, ao criar imagens devocionais para veneração da comunidade, a arte católica deveria ser também ferramenta de propaganda do que se considerava a verdadeira fé.

Nesse contexto, a busca por grandes exemplos de fé era imperativo aos objetivos da Igreja Católica. As personalidades da história da igreja passaram a ter um peso dobrado nessa empreitada, ensinando ao rebanho as virtudes aceitáveis pela cúria romana. Por isso, a figura de Santa Teresa de Ávila cumpriu um papel fundamental na transmissão didática da fé católica, tão necessária para conter a difusão das ideias de Lutero e Calvino. A própria santa, em seus escritos, admitia a eficácia das imagens no catolicismo, em oposição ao pensamento reformado:

> Eu tinha lido em um livro que era uma imperfeição ter belas imagens, então não queria manter uma que estava em minha cela. Mesmo antes de ler isso, pensava que era um sinal de pobreza não ter outras imagens além das de papel; e desde então, não quis mais imagens de nenhum outro tipo. Uma vez, porém, quando não estava pensando nisso, ouvi o Senhor me dizer que essa mortificação não era boa. Pois o que era melhor, Ele me perguntou: pobreza ou caridade? Se o amor era melhor, então não deveria abrir mão de nada que despertasse amor em mim, nem impor nada parecido para minhas freiras – e o livro falava de belos dispositivos e adornos em imagens, e não de imagens ou quadros em si. O que o diabo estava fazendo, com os luteranos, era tirar deles todos os meios para despertar maior amor, de modo que eles estavam se perdendo (PEERS, 2002, p. 349, trad.).

A Casa Museu Eva Klabin possui em seu acervo uma grande imagem de Santa Teresa de Ávila (Fig. 2) localizada no Hall Superior, logo em frente às escadas que trazem o visitante para o segundo andar. A peça é feita de um bloco único de madeira, com exceção da mão e do antebraço direito, e duas seções da parte posterior. A escultura parece ter sido feita na Áustria, onde imagens como essa eram colocadas como figuras laterais em retábulos. Isso talvez justifique uma grande escavação na parte posterior da imagem, que serviria para encaixá-la em seu local original (MIGLIACCIO, 2007).

Figura 2
SANTA TERESA DE ÁVILA
Áustria, séc. XVIII
Madeira
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Sem se ocupar com efeitos artificiosos de movimento, a imagem comunica muito bem o fervor espiritual da santa espanhola. O *pathos* de sua expressão coloca o observador diante de uma religiosidade superior e contrita, porém não menos íntima e humana. As visões místicas de Santa Teresa serviram de inspiração para diversos artistas, pela vivacidade com que a santa descrevia suas experiências fantásticas. Uma delas, que talvez tenha servido de inspiração para o artista austríaco da peça da CMEK, foi a visão de seu "casamento místico" com Deus, que ela descreveu nos seguintes termos:

> Então Ele se revelou a mim, em uma visão imaginária, mais interiormente que em outras ocasiões, e me deu a sua mão direita dizendo: "Olhai este prego. É um sinal de que, de hoje em diante, tu serás Minha noiva. Até agora tu não tinhas merecido isso; mas doravante, tu deverás considerar Minha honra não só como a do teu Criador, e Rei, e Deus, mas como a do teu próprio noivo. Minha honra é a tua; e a tua, é a Minha". Esta visão produziu tal efeito sobre mim que não pude me conter, e implorei ao Senhor ou para exaltar-me na minha humildade, ou para mostrar-me menos visões, pois realmente pensei que minha natureza não pudesse suportá-las (PEERS, 2002, p. 352, trad.).

Figura 3
GIAN LORENZO BERNINI (1598-1680)
O Êxtase de Santa Teresa
1645-1652
Mármore
Roma: Capela Cornaro – Igreja de
Santa Maria da Vitória (IT)

Certamente, a cena mais famosa da santa é aquela imortalizada por Gian Lorenzo Bernini na obra *O Êxtase de Santa Teresa* (Fig. 3). Nela, a monja espanhola é levada aos céus por uma grande nuvem. Seu hábito se desalinha com violência, como que empurrado por uma forte rajada de vento. Ali se encontra um anjo com uma lança dourada em mãos, lhe sorrindo complacentemente. A expressão de Teresa é de puro gozo espiritual, enquanto o anjo parece pronto para acertar-lhe o peito com a lança. Uma janela escondida, decorada com vidros amarelos, permite que a luz solar entre no nicho, materializando-se nos raios dourados que recaem sobre a escultura.

A santa descreveu essa experiência da seguinte forma:

> Aprouve ao Senhor que, em certas ocasiões, eu tivesse a seguinte visão. Eu veria ao meu lado, na minha mão esquerda, um anjo em forma corpórea (...). Em suas mãos eu vi uma longa lança dourada, em cuja extremidade eu pensava ver uma ponta de fogo. Com ela, ele parecia perfurar meu coração diversas vezes, de modo que penetrava em minhas entranhas. Quando ele retirou a lança, parecia que estava retirando meus órgãos e me deixando completamente em chamas, com um grande amor por Deus. A dor foi tão aguda que me fez emitir vários gemidos; e tão excessiva era a doçura causada por essa dor intensa, que ninguém pode querer perdê-la, nem contentar sua alma com algo menor do que Deus. A dor não é corporal, mas espiritual, embora o corpo tenha uma participação nela – de fato, uma grande participação (PEERS, 2002, pp. 192-193, trad.).

Para o historiador da arte Rudolf Wittkower, a obra de Bernini abrange diversas dimensões estéticas que enfatizam a mística espiritual da santa espanhola. Nesse sentido, a escultura de Santa Teresa não pode ser lida separadamente do ambiente em que foi disposta, a Capela Cornaro, onde "o limite entre pintura, escultura, e arquitetura torna-se fluido" (WITTKOWER, 1973, p. 161, trad.). Ao articular essas diversas disciplinas artísticas, Bernini não somente cria uma harmonia estética entre elas, mas potencializa a narração de Santa Teresa, fazendo com que sua visão espiritual ganhe materialidade aos olhos do observador.

REPRESENTAÇÕES DO ÊXTASE EM OUTROS SANTOS MÍSTICOS

O êxtase como meio para um profundo entendimento sobre os mistérios da fé foi fortemente incentivado pela Igreja Católica. Afastando-se do caráter sensual que os povos antigos associavam aos rituais extáticos, o misticismo cristão pregava que através da oração, do jejum, e da participação nos ritos eclesiásticos – principalmente da Eucaristia – podia-se estabelecer uma união espiritual com Deus (ROBERTS, 1998).

Imagens dos santos em êxtase ou experimentando visões místicas são comuns à história da arte cristã desde o período carolíngio, passando pela Idade Média e o Renascimento. Entretanto, o ceticismo dos reformadores protestantes contra qualquer experiência espiritual de caráter místico, incentivou a cúria romana a explorar essa imagética como modelo propagandístico de sua ortodoxia. Por esse motivo, não surpreende que esses ditos santos místicos, como Santa Teresa de Ávila, tenham ganhado maior projeção durante o século XVII, na esteira do movimento contrarreformista (ROBERTS, 1998). Para maior compreensão, apresentaremos aqui outros santos místicos presentes em obras desse período.

Santa Catarina de Siena (Fig. 4) foi uma freira da Ordem dos Dominicanos que, no século XIII, experimentou visões do fim do mundo. Estas eram associadas, por ela, com a mudança do papado para a cidade francesa de Avignon. Seu fervor em defender Roma como a capital da cristandade e seu zelo em purificar as instituições da Igreja fizeram dela uma figura respeitada nas cortes europeias. A obra aqui apresentada, de Johann Baptist Straub, ajudaria na localização da *Santa Teresa de Ávila* da CMEK na produção germânica do século XVIII, "onde os esquemas barrocos aparecem suavizados por um novo espírito mais clássico" (MIGLIACCIO, 2007, p. 138).

Figura 4
JOHANN BAPTIST STRAUB (1704-1784)
Santa Catarina de Siena
c. 1765-1769
Madeira de tília entalhada e policromada
Munique: Museu Nacional da Baviera (DE)

São Francisco de Assis também se tornou exemplo para o movimento contrarreformista católico, por seu fervor em manter uma vida ascética e penitente. Sua prática mendicante, mesmo sofrendo resistências das autoridades eclesiásticas, abriu caminho para que outras ordens religiosas exercessem a caridade e o desapego com igual entusiasmo. A obra *O êxtase de São Francisco de Assis* (Fig. 5), de Caravaggio, descreve o recebimento dos primeiros estigmas do santo italiano. De acordo com a tradição franciscana, enquanto meditava em um ermo, São Francisco foi arrebatado por uma grande luz, e um anjo feriu-o nas mãos, nos pés e no flanco, como ocorrido com Cristo durante sua crucificação.

Finalmente, *A imaculada conceição* (Fig. 6), do pintor italiano Giovanni Battista Tiepolo, faz referência aos escritos místicos do apóstolo São João, compilados no livro do Apocalipse. Nesses escritos, uma das visões de São João é sobre uma mulher que traria a lua aos seus pés, seria coroada com doze estrelas, e daria luz a um filho que governaria todas as nações. Desde cedo, na teologia cristã, a mulher descrita por João é associada com a Virgem Maria, e o movimento contrarreformista católico utilizou-se dessa passagem para reforçar o dogma da concepção sem pecado de Cristo (ROBERTS, 1998).

Figura 5
CARAVAGGIO (1570-1610)
O êxtase de São Francisco de Assis
Óleo sobre tela
Hartford, CT: Ateneu Wadsworth (US)

Figura 6
GIOVANNI BATTISTA TIEPOLO (1696-1790)
A imaculada conceição
c. 1767-1769
Óleo sobre tela
Madri: Museu do Prado (ES)

BIBLIOGRAFIA

TERESA OF AVILA, ST. In: HALFMANN, Janet (Org.). *The New Catholic Encyclopedia*. v. 12. Farmington Hills: Gale, 2003.

PEERS, E. Allison (Org.) *The Complete Works of St. Teresa of Avila*. v. 1. Londres, Nova Iorque: Burns & Oates, 2002.

HAUSER, Arnold. *Social History of Art: Renaissance, Mannerism, Baroque*. v. 2. Londres: Routledge, 1992.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

WITTKOWER, Rudolf. *Art and Architecture in Italy: 1600-1750*. Londres: Penguin Books, Ltd., 1973.

ROBERTS, Helene E. *Encyclopedia of Comparative Iconography.* 2 v. Chicago, Londres: Fitzroy Dearborn Publishers, 1998.

FOA, Anna. *Teresa's "marrano" grandfather: Juan Sánchez and the tainted blood*. L'Osservatore Romano, 2 de março de 2015. Disponível em https://web.archive.org/web/20171117124326/https://www.osservatoreromano.va/en/news/teresas-marrano-grandfather. Acessado em 1º de março de 2021.